

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
LICENCIATURA EM DANÇA

CECILIA RODRIGUEZ DIEZ

**Sample – Hip-Hop para todos:  
Processo de elaboração de material didático para o ensino do Hip- Hop  
na Educação Básica**

Porto Alegre

2023

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado pela acadêmica **Cecilia Rodriguez Diez** do Curso de **Licenciatura em Dança** da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do **Grau de Licenciado em Dança**.

Orientadora: **Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Luisa Oliveira da Cunha**

Porto Alegre

2023.

Cecilia Rodriguez Diez

Sample – Hip-Hop para todos:

Processo de elaboração de material didático para o ensino do hip hop na  
educação básica.

Conceito final:

Aprovado em ..... de .....de.....

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dra. UFRGS

---

Orientador – Prof. Dra . Maria Luisa Oliveira da Cunha - UFRGS

Hip-hop é um termo que descreve nossa consciência coletiva independente. Como modo de vida consciente, reconhecemos nossa influência na sociedade, especialmente nas crianças; e sempre manteremos os direitos e o bem-estar de ambos em mente. Cultura Hip-Hop encoraja feminilidade, masculinidade, irmandade, fraternidade, infância e família. Estamos conscientes de não trazer nenhum desrespeito intencional que coloque em risco a dignidade e a reputação de nossos filhos, idosos e antepassados. (Quarto princípio, Declaração de Paz do Hip-Hop, 2001, tradução nossa)

## AGRADECIMENTOS

*Gracias a mi familia*, a que está por perto e a que está distante, mas que carrego sempre comigo. *Gracias a mis padres*, Leticia e José, pela sua arte e força para criar mais duas artistas. Por serem um exemplo incrível de uma educação multicultural e principalmente por sempre estarem presentes em todos os momentos da minha vida. *Gracias a mi hermana*, que sempre foi uma referência me fazendo seguir seus passos até a Licenciatura em Dança.

*Gracias* ao meu melhor amigo Alisson, por ser ponte de inspiração e afirmações.

Agradeço a meus amigos que cresceram comigo nessa trajetória que é trabalhar com dança. Gabriela, Daniel, Jádine, Nicole, *gracias*.

Agradeço a minha eterna professora Cristina Pereira, por me guiar no início da minha jornada com a dança, e por ser uma grande inspiração e amiga.

Agradeço também, a todos os profissionais da dança com os quais tive a oportunidade de trocar em algum momento, assim como também agradeço aos alunos que já passaram por mim, pela honra de ter sido sua professora.

Agradeço ao Coletivo Opsi, a cada integrante que passou e passará por ele, pois sem eles meus estudos e minha vida estariam incompletos. Obrigada pela família que criamos.

Agradeço ao Colégio Anchieta, por acreditar no meu trabalho e sempre reforçar o quanto ele é importante. E por me apresentar colegas de trabalho que agora eu tenho a honra de chamar de amigos.

Agradeço, por fim, a oportunidade de experienciar a Universidade Pública sendo estrangeira e todas as maravilhas e desafios que junto vieram. Pelas pessoas que conheci através dela e agora trago comigo. *Muchas gracias*.

## RESUMO

A Cultura Hip-Hop e suas afluências periféricas estão ganhando cada vez mais espaço no universo escolar, por ser um segmento importante da cultura afro diaspórica que pode ser abordado na educação básica. Entretanto encontramos uma lacuna quando buscamos materiais didáticos de ensino desta cultura e suas danças voltados para a escola. Esta pesquisa objetiva sugerir um material didático sobre o Hip-Hop voltado para a Educação básica ancorada em referencial teórico que aprimore informações e referências sobre o tema, descrevendo alguns passos básicos e uma maneira, entre tantas possíveis, de trabalhar esta dança na escola. O material apresentado revela que este é um caminho rico de possibilidades e que servirá como um primeiro esboço para um trabalho com a cultura Hip-Hop e suas danças na escola, possibilitando o início de outras caminhadas em pesquisas referentes ao tema.

**Palavras-chave:** Cultura Hip-Hop. Material didático. Pedagogia Hip-Hop.

## RESUMEN

La Cultura Hip-Hop y sus afluencias periféricas ganan cada vez más espacio en el universo escolar, por ser un segmento importante de la cultura afro diasporica, que puede ser abordado en la educación básica. Sin embargo, encontramos un vacío cuando buscamos materiales didácticos para la enseñanza de esta cultura y sus danzas dirigidos a la escuela. Este trabajo tiene como objetivo sugerir material didáctico sobre Hip-Hop dirigido a la Educación Básica anclado en un marco teórico que mejore la información y referencias sobre el tema, describiendo algunos pasos básicos y una forma, entre muchas posibles, maneras de trabajar esta danza en la escuela. El material presentado revela que este es un camino rico en posibilidades y que servirá como primer bosquejo para un material para trabajar con la Cultura Hip-Hop y sus danzas en la escuela, posibilitando el inicio de otros caminos de investigación relacionados con el tema.

**Palabras clave:** Cultura Hip-Hop. Material Didáctico. Pedagogía del Hip-Hop.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>1. CULTURA HIP HOP</b>	
1.1. De onde vem a semente? .....	<b>11</b>
1.2. O fertilizante para nossa história germinar .....	<b>12</b>
1.3. Dedetizando a violência com arte .....	<b>15</b>
1.4. Firmando raízes .....	<b>16</b>
1.5. Diferentes mudas da mesma árvore: Breaking, Hip-Hop Freestyle e Hip-Hop Dance. ....	<b>19</b>
<b>2. MATERIAL DIDÁTICO: O QUE É, DE ONDE VEM E COMO SE FAZ?</b> .....	<b>23</b>
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	<b>25</b>
3.1 Problema .....	<b>26</b>
3.2 Objetivo Geral .....	<b>26</b>
3.3 Objetivos Específicos .....	<b>27</b>
<b>4. REPLANTANDO HISTÓRIA: MATERIAL DIDÁTICO SOBRE O HIP HOP</b> .....	<b>27</b>
4.1. Criando mudas .....	<b>28</b>
4.4.1. Plantas de plástico ou de verdade? .....	<b>29</b>
4.1.2. Escolhendo um vaso .....	<b>29</b>
4.3. Com as mãos na terra .....	<b>30</b>
<b>5. SAMPLE: HIP-HOP PARA TODOS</b> .....	<b>34</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>54</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>55</b>
<b>GLOSSÁRIO</b> .....	<b>58</b>

## INTRODUÇÃO

Com um giz de cera em dois discos de vinil, rimas que falam sobre luta, batalhas de break que transbordam musicalidade e criatividade, arte visual feita em spray em trens. Uma história passada de boca em boca.

Até pouco tempo era assim que a Cultura Hip Hop era contada fundamentada em vivências e experiências.

Apesar de estar chegando com passos de formiguinha a literatura e com passos menores ainda na literatura acadêmica, a Cultura Hip Hop e o Hip Hop Dance já vem sendo apresentada e vivenciada há algum tempo por crianças e adolescentes no âmbito escolar. Foi na escola que eu também tive meu primeiro contato, minhas primeiras referências da cultura negra e experienciei - o que aprendi mais tarde com Paulo Freire - uma relação dialógica de ensino e aprendizagem, onde eu aprendi e minha professora também. Aprendemos não só através da movimentação, mas também do que estava em nosso entorno, da cultura da dança em nossa cidade. A relação que criei da dança com união, expressão e luta foi o que me incentivou a pesquisar e estudar cada vez mais, nascendo assim uma necessidade de passar e transformar o conhecimento que eu adquiri adiante e ser professora era o grande passo a seguir.

Entrar na faculdade e perceber que a representatividade, não somente do Hip-Hop, mas de muitas danças (principalmente danças afro diaspóricas) ainda não haviam conquistado seu espaço foi um pouco decepcionante e assustador. O susto de perceber que minha passagem pelo curso de Licenciatura em Dança poderia se tornar muito significativo não só para mim ou para os alunos que eu terei depois de concluir esta fase, mas também para aqueles que darão o grande passo da docência depois de mim.

O presente estudo é para essas pessoas, que querem ensinar e aprender, mas esbarram na escassez de referências e material sobre o hip hop, principalmente quando se trata do ensino básico. Este estudo fala sobre o processo de pesquisa de criação de um material didático para o ensino do Hip Hop na educação básica, um material que possa servir de auxílio a professores na sala de dança e quem sabe, uma primeira referência e contato com a história escrita para as crianças que tiverem contato com o material. Uma história que aborda não somente artes, mas também que valoriza a cultura negra e propõe um questionamento político social.

No primeiro capítulo deste trabalho apresento informações e referências sobre a história da Cultura Hip Hop desde antes de sua consolidação mais conhecida nos Estados Unidos da América, falando sobre a importância de suas raízes jamaicanas, de líderes que buscaram a paz nos guetos e como a partir desses acontecimentos o movimento político cultural se solidifica finalmente como cultura com seus cinco elementos principais.

Já no segundo capítulo são descritos alguns conceitos e classificações de materiais didáticos que serão reinventados no momento que vão ao encontro do hip hop. No terceiro capítulo apresento a metodologia e os objetivos específicos e gerais desta pesquisa. No quarto capítulo início a jornada de relato de processo, utilizando o referencial teórico analiso e interpreto os dados coletados e inicio o processo de transformar essa coletânea em um material didático acessível para o ensino básico. Em seguida no quinto capítulo apresento o material didático sobre Hip-Hop desenvolvido junto a esta pesquisa. Já no sexto capítulo apresento as considerações finais seguidas das referências bibliográficas e glossário.

## 1. CULTURA HIP HOP

### 1.1. De onde vem a semente?

Para entender melhor a Cultura Hip Hop é necessário buscar o conhecimento de como o movimento político cultural tomou forma e por onde voou sua semente antes de ser germinada nos Estados Unidos da América. A parte da história sobre como o Hip Hop se consolida em Nova York no Bronx na década de 70 é mais conhecida, mas a história de como, e de onde surgem as manifestações artísticas que serviram de pilares para a base da construção dessa Cultura é pouco ouvida por aqueles que não a vivem.

Segundo Aborígine (2017), a descendência para tais pilares vem da Jamaica, uma ilha do Caribe que assim como o continente americano, também foi invadida pelas navegações europeias. O país foi reivindicado primeiro pelos espanhóis, que acabaram perdendo posteriormente a ilha para os britânicos em 1655, e reconhecendo as possessões da Inglaterra com o Tratado de Madrid em 1670, sendo uma delas a escravidão.

Entre os anos de 1833 e 1838 ocorre a proibição do tráfico humano e logo depois da escravatura perdendo assim a mão de obra escrava e acabando com a economia gerando altos custos na produção de cacau e cana de açúcar.

Após os confrontos que resultaram na abolição da escravatura, o povo jamaicano decide no século XX, lutar pela sua independência e deixar de ser considerada uma colônia inglesa. Conforme Aborígine (2017, p.18) “é importante resgatar esta história para compreendermos as lutas, o contexto e as pessoas que atuaram e possibilitaram o surgimento do Rap.”, já que foram muitos mais acontecimentos de luta do que os mais popularmente conhecidos até chegar o momento de expressões artísticas que acabariam criando diversas culturas por muitos anos.

O que nos leva a semente de onde germinará o Rap, que começava a se desenvolver na década de 50, quando a febre dos Sound Systems (sistemas de som) chegava às periferias onde o acesso ao rádio ainda era inexistente. Com caixas de som nas ruas do gueto jamaicano para animar festas populares, que serviam como uma forma de protesto através dos discursos feitos pelos chamados Toasters, os antecessores dos nossos mestres de cerimônia. Estes falavam sobre a violência e a

miséria, assim como também a conquista da independência jamaicana, que só ocorreu em 1958.

Alguns anos antes dessa grande conquista, em 1955, nasce o jamaicano Clive Campell que experencia e tem sua infância muito influenciada pelos Sound Systems (sistemas de som) e dos Toasters. Em 1967, aos doze anos de idade, Campell se muda com sua família para os Estados Unidos da América devido à grave crise econômica que acontecia na Jamaica. Mudaram-se mais especificamente para o Bronx em Nova York, um bairro composto de imigrantes latinos e negros, onde na época metade das pessoas brancas saíram da vizinhança, o governo deixou de atuar e conseqüentemente os empregos foram diminuindo, e os moradores que restaram foram negros e pobres.

Nessa situação, com a região abandonada pelo comércio, pelo governo e pela população branca, os que ficaram formaram gangues para se proteger. No final de 1968 – um ano histórico de protestos juvenis mundiais-, parte do Bronx estava tomada por gangues e traficantes. (DIAS, 2019 p.139)

Mas antes de seguir com esta parte da história, é importante sabermos com um pouco mais de profundidade o que se passava no Bronx e o que possibilitou nossa semente germinar.

## **1.2. O Fertilizante que fez nossa história germinar**

Antes da família Campell se mudar para o Bronx, outra família se mudava para os Estados Unidos da América, essa família eram os Melendez. Se mudaram para Greenwich Village, logo após o nascimento do filho Benjamin Melendez, nascido em 3 de agosto de 1952 em San Juan, Porto Rico. De onde foram forçados a se mudar novamente devido ao projeto de 'renovação urbana' de Robert Moses, que já havia dividido o Bronx com a Via Expressa Cross Bronx que desalojou centenas de pessoas e destruiu vários bairros. Agora queriam espaço para construir prédios de luxo e torres de escritórios, e uma nova via com oito pistas, a Via Expressa de Lower Manhattan. O projeto derrubou as favelas de diversos bairros, sendo o Greenwich Village, um deles, porém não foi adiante devido a uma campanha popular no final de 1962. (VOLOJ, AHLERING, 2016)

Ao se mudarem para o Bronx, os Melendez passaram a fazer parte de uma

comunidade onde haviam muitos outros porto-riquenhos, mas apesar de o pai de Benjamin ser conhecido e querido pelo bairro graças a pequena mercearia que tinha, nem todos gostavam dele.

Então decide se unir a uma gangue local chamada Cofon Cats para ter proteção, mas antes precisou passar por um tipo de iniciação, chamada Apache Line, onde a pessoa teria que passar entre duas colunas de integrantes da gangue enquanto estes te batiam e chegar até o final, se não conseguisse chegar tinha que começar tudo de novo do início. Ao chegar à adolescência se apaixona por Mei-Wen, uma garota chinesa filha do dono da lavanderia e começam a namorar, fazendo com que seus irmãos de gangue criassem o apelido *Yellow Benjy*, se referindo a febre amarela e relacionando em forma de piada a etnia de Mei-Wen.

Cansados de sua gangue atual *Yellow Benjy* e seu irmão decidem formar sua própria gangue, a qual chamaram de *Ghetto Brothers*, que acabou se tornando uma das maiores da cidade. Benjy havia se unido ao Partido Socialista Porto-Riquenho e queria levar a política a *Ghetto Brothers*. Realizando protestos que criticavam a qualidade de vida, organizando cafés da manhã e distribuição de roupas gratuitos, Benjy queria parar com a gangue e formar uma organização pela paz.

A violência apenas crescia nos bairros onde as gangues se situavam, e em 1971, chegou ao seu auge quando *Black Benjie*, o conselheiro de paz e um dos líderes do *Ghetto Brothers* foi mandado mediar uma discussão entre gangues e acabou sendo assassinado enquanto tentava aclamar por paz.

Em choque, *Yellow Benjy*, após estar ao lado de seu companheiro no Hospital e receber a notícia de sua partida, se questiona sobre suas decisões, enquanto que membros da *Ghetto Brothers* buscavam vingança pelas próprias mãos. Ao chegar à sede onde se reuniam e encontrar membros de outras gangues presos por seus companheiros vingativos, decide que esse não é o caminho que devem tomar. Manda que soltem os prisioneiros e logo após recebe uma visita importante que fluiria com seus pensamentos do que deveria ser feito.

Decide então convocar uma reunião como todos os líderes das gangues para clamar por paz entre elas e cessar a guerra imposta a eles por questões políticas e enfrentarem seus verdadeiros inimigos.

No dia 8 de dezembro de 1971, Nova Iorque se preparava para a guerra. Mais de 100 dos líderes das gangues de rua da cidade se reuniram no Bronx num encontro que poderia resultar em uma carnificina. *Ghetto Brothers*, *Black*

*Spades, Savage Skulls, Savaga Nomads, Seven Immortals, Reapers, Turbans ...* A situação era muito tensa. Poucos dias antes, Black Benjy, dos *Ghetto Brothers*, havia sido assassinado. Os *Ghetto Brothers* eram uma das maiores gangues da cidade. Só no Bronx tinham 2000 membros. As outras gangues esperavam vingança. Uma guerra, a maior, parecia inevitável. Então Benjy Melendez, o jovem líder do *Ghetto Brothers*, tomou uma atitude surpreendente. Ao invés de vingança pela morte do companheiro, chamou a paz. “Eu estava machucado”, diz Melendez, “A reação natural de um líder é buscar a vingança. Todas as gangues já estavam prontas para a guerra. Mas isso era exatamente o que todo mundo esperava de nós”. Era isso que as autoridades esperavam para justificar o descaso com as regiões pobres da cidade, era isso que a polícia esperava para justificar a violência indiscriminada contra as populações negras e latinas. Era isso que o sistema queria: que aqueles jovens se matassem. “Nós estávamos no jogo” diz o DJ Afrika Bambaataa, que na época participou como um dos líderes dos *Black Spades*. “O que o irmão Benjy conseguiu foi poderoso”. O impacto da paz alcançada foi, como diz Bambaataa, algo poderoso e profundo. Mudou a geografia de Nova Iorque. Jovens passam a circular livremente, sem medo dos ataques das gangues rivais. Passaram a fazer festas em vez de guerras, trocaram as armas por aparelhos de som e inventaram a cultura *hip hop* que acabou tomando a juventude do mundo inteiro. Essa é a história de um jovem que mudou a história do seu tempo (VOLOJ: AHELING, 2016, contracapa).

Fez-se então o acordo de paz entre gangues, que posteriormente foi subscrito em um Tratado de Paz, que não só reconectou cada membro a arte que acontecia em Nova Iorque, mas também permitiu a livre circulação pelos bairros, sem medo de violência por estar usando a jaqueta de determinada gangue. Essa liberdade possibilitou então a participação de diferentes membros de gangues nas festas de diferentes bairros.

E o que tocava nessas festas que acabou influenciando toda uma geração que acabaria criando uma cultura? Música que representava aquela população, música negra que denunciavam o sistema.

A música negra norte-americana exalava a negritude em suas letras que denunciavam o sistema segregacionista e violento, reafirmando toda a luta pelos direitos civis e poder do povo preto. (DIAS, 2019)

James Brown era o ícone que inspirava os jovens com as letras de suas músicas e os movimentos do seu corpo ao dançar.

James Brown influenciou toda uma geração que iria criar e consolidar o Hip-Hop no início dos anos idos de 1970, repetindo em seus shows que suas músicas *não eram para serem cantadas, mas para serem dançadas*. Assim, o cantor cria o *break* na música, e conseqüentemente, um estilo musical que

leva o nome pejorativo que os brancos utilizavam para inferiorizar os negros, *funk* – que significava algo do tipo: os negros só fazem merda, mas que se converteu em uma cultura e um estilo de vida para a juventude negra. (DIAS, 2019).

E é através das músicas funk que encontramos novamente aquele garoto jamaicano que se mudou para o Bronx com sua família aos doze anos de idade, Clive Campbell.

### 1.3. Dedetizando a violência com arte

Clive Campbell chegou à adolescência durante os grandes acontecimentos entre gangues no Bronx e a criação do Tratado de Paz possibilitou que este crescesse como um rapaz muito divertido, inteligente e que gostava de manter o físico, originando seu apelido Hércules, o famoso semideus da mitologia grega conhecido pela sua força e coragem. Nesta mesma época entra para uma crew (grupo) de grafite, conhecida como Ex-Vandals, com a qual assinou pela primeira vez como Kool Herc.

Herc inspirado com a música jamaicana com a qual cresceu, convence seu pai a lhe comprar um toca discos e assim começou a se apresentar em eventos da escola. Depois de ter estudado e adquirido mais experiência começou junto de sua irmã, Cindy, a dar festas no salão do prédio onde viviam como DJ Kool Herc. É então tido como responsável das chamadas Block Party – festa do quarteirão -, em 1969, é considerado o primeiro DJ a misturar rap e reggae.

O DJ Kool Herc, com seu potente equipamento de som, o *Sound System Herculooids*, circulava lentamente pelo Bronx até parar em uma praça ou estacionamento. (...) Herc também é responsável por trazer a tradição dos Toasters da Jamaica. Toasters são autênticos MCs, Mestres de Cerimônia, que falam ou cantam em uma melodia instrumental fixa, maneira de se apresentar tradicionalmente atribuída aos jamaicanos, o método originou-se dos Griôs do Caribe. (SILVA, 2021, p.23)

Em 1973, Herc experimenta diferentes maneiras de tocar músicas, querendo acentuar as partes das músicas de funk, soul e R&B onde as pessoas dançavam mais, e foi então no dia 11 de agosto de 1973 que tudo aconteceu. Os irmãos Campbell organizaram a 'Back to School Jam', uma festa com o intuito de arrecadar dinheiro

para a volta as aulas e celebrar o aniversário de Cindy. Foi então que com dois toca discos, um mixer e um amplificador, Herc criou um novo jeito de fazer música.

Além de usar discos dos mais famosos do soul e funk, ele percebeu que as pessoas que iam às festas esperavam determinada parte da música para dançar. Essas partes normalmente eram momentos da música onde se ouvia a bateria sem os vocais do cantor. Também percebeu que essas partes se repetiam num determinado intervalo, então decidiu usar seus dois toca discos não para trocar de música, mas sim para tocar a mesma em dois aparelhos diferentes para poder repetir sempre a mesma parte da bateria, essa é uma técnica chamada Marry Go Round, o que chamam hoje em dia de *breakbeat*. (FONSECA, 2021)

Foi com esse jeito diferente de tocar que Clive, DJ Kool Herc, conquistou aos dançantes, que ele acabou chamando de b-boy (break boy) e b-girl (break girl), associando-os ao *break* (quebra) da música.

Naquela noite um novo marco histórico se iniciava e mais tarde, após a ideia de um nome para o que estava sendo criado, seria consagrada como a primeira festa de Hip Hop feita.

Apesar da juventude circular em festas entre os bairros foi a partir do aniversário de Cindy Campbell, irmã de Clive Campbell (DJ Kool Herc), que se consolidou como momento histórico, *tornando-se o marco* do nascimento do Hip-Hop na Av. Sedwick, 1520, no Bairro do Bronx, em 11 de agosto de 1973. (DIAS, 2019, p. 142)

#### 1.4. Firmandoo raízes

Três meses após a famosa festa “Back to School Jam” e de aniversário de Cindy Campell, em 12 de novembro de 1973, Afrika Bambaataa junto do apoio dos membros das gangues que fizeram parte do Tratado de Paz de 1971, cria a *Universal Zulu Nation*. Percebendo o alcance midiático que a estética da movimentação político cultural estava recebendo devido ao engajamento dos jovens que participavam e se envolviam Bambaataa para proteger a essência dessa juventude que construía agora com criatividade resistência e autoafirmação de outras maneiras que não com violência através das estéticas presentes nas festas de Hip-Hop, define então segundo Dias (2019, p. 144):

[...] como cultura Hip-Hop todos os elementos artísticos vivenciados pela juventude do bairro do Bronx em 12 de novembro de 1974. De início foram

considerados por Bambaataa quatro elementos, sendo eles: o *DJ*, o *MC*, o *Graffiti*, o *breaking* [...]. O *DJ* é a alma, a essência e a raiz da cultura, responsável por criar técnicas musicais; o *MC* é o cérebro e a consciência, que pode ser representado pelo cantor de *Rap* (*Rhythm and Poetry* – ritmo e poesia), a expressão musical e verbal da cultura; o *Breaking* é um dos primeiros elementos a surgir tendo como característica a expressão corporal; o *Graffiti* é o meio de expressão por meio da arte visual [...].(Dias 2019, p. 144)

Segundo Silva (2021, p.27) os participantes da organização *Zulu Nation*, preocupados com conflitos constantes entre os jovens naquele período, sugerem incluir aos quatro elementos da cultura um quinto elemento o: *Conhecimento*. Ao que Dias (2019, p.144) complementa “o *Conhecimento* surgiu posteriormente aos demais elementos para evitar que a cultura desaparecesse, ao conferir-lhe um papel fundamental na formação dos jovens.”

Com estas afirmações é possível concluir que a preocupação que Afrika Bambaataa e demais participantes da *Zulu Nation* tinham ao definir os quatro primeiros elementos necessitou ser mais definida para que aqueles que se interessavam pela cultura Hip-Hop tivessem compreensão do que esta realmente significava.

Bambaataa afirma que nós podemos amar a cultura *Hip-Hop*, mas se não tivermos conhecimento de como podemos modificar nossa situação, nossa comunidade e nosso espaço e aprendermos a respeitar nossos ancestrais, seremos sempre escravos. Ame a você mesmo, ame seus ancestrais, ame seu povo e tente fazer algo por você, pelos outros e pelo seu povo. Mas, principalmente, respeite a Mãe Terra! (Dias, 2019, p.144)

A inserção de um novo elemento causa até os dias atuais algumas discordâncias, tendo alguns militantes não reconhecendo o elemento do conhecimento por defenderem que este é algo intrínseco aos primeiros quatro elementos básicos, estabelecendo assim uma constante relação entre eles. (SILVA, 2021.)

A respeito do nome *Hip-Hop*, escolhido para nomear a nova cultura, existe mais de uma explicação de sua origem, uma delas encontrada por Fernandes (2013) em sua pesquisa Representações do Hip Hop em Livros Didáticos diz que o termo nasceu do som que a agulha dos toca discos emitia ao tocar discos de vinil antigos, já Silva (2021) afirma que:

O termo “**Hip-Hop**” nasceu antes mesmo do grande movimento cultural, e em sua tradução literal significa respectivamente: saltar movimentando os

quadris. A expressão se popularizou a partir de 1971 com Anthony Holloway, conhecido como **DJ Hollywood** no bairro novaiorquino do Harlem.

Conforme, a cultura foi crescendo outros grandes nomes foram surgindo como Grandmaster Flash, conhecido pela técnica de usar giz de cera para marcar o break das músicas nos discos, sem correr o risco de soltar a música na parte errada. Inspirado por DJ Kool Herc e por Pete “DJ” Jones que estendia as faixas de seus discos utilizando duas cópias do mesmo. Percebeu então que gostava das técnicas, mas que queria aperfeiçoá-las a seu gosto.

Ele considerou o simples circuito feito por Jones que começava com o *break* no disco 1, prepara o *break* no disco 2 pelos fones de ouvido, termina o *break* do disco 1, solta o *break* do disco 2, retrocedia o disco 1 para o *break*. Então ele entendeu que o ritmo de cada disco tem sua própria circunferência a ser traçada, que o *break* pode ser medido de ponto-a-ponto, e desenvolveu uma teoria baseada em seccionar o disco como um relógio. Isso foi um avanço, ele disse. “Eu criei a teoria do *Quick Mix*, que era como cortar, o *backspin* (voltar o disco) e o *double-back* (técnica de usar dois discos iguais ao mesmo tempo). (CHANG, 2007, tradução nossa)

No início a técnica não atraiu o público que ficou parado o tempo todo, então Grandmaster Flash percebeu que algo estava faltando em suas festas e decidiu que para o conceito de sua técnica funcionar, tinha que ter um acompanhamento vocal. Acaba se unindo primeiramente a um trio de Mc’s que já participavam de seus shows animando o público com frases curtas. Robert Keith “Cowboy” Wiggins, Melvin “Melle Mel” e Nathaniel “Kidd Creole”, mais tarde entraram Eddie “Mr.Ness” e “Raheim” Williams e juntos se tornaram um dos primeiros grupos de RaP, Grandmaster Flash and The Furious Five.

Enquanto os Mc’s mantinham a energia lá em cima com suas rimas e *flow*, Flash fazia um show aparte nos toca discos, fazendo suas técnicas de corte e scratching. Juntos, DJ Kool Herc, DJ Afrika Bambaataa e DJ Grandmaster Flash ficaram conhecidos como a tríade do Hip-Hop.

## 1.5. Diferentes mudas da mesma árvore: Breaking, Hip-Hop Freestyle e Hip-Hop Dance

Por volta de 1975, a dança dos b-boys tinha sido pega/aprendida por crianças jovens demais para entra nos clubes. Costumava ser uma coisa privada para eles, uma coisa que eles ensinavam entre si em salas de estar ou corredores de prédios, algo para fazer em casa de festas, mas os jams externos trouxeram a dança ao ar livre. Agora as gangues não controlavam mais as ruas, os b-boys de quarto agora podiam atravessar o bairro para encontrar outros para batalhar. (CHANG, 2007, tradução nossa)

Nos centrando agora mais na expressão corporal que ocorre dentro da Cultura Hip-Hop, focamos na dança que faz parte dos elementos que a compõe e das danças que se inserem a partir desta, que é o *breaking*.

O nome *breaking* vem do nome dado aos dançarinos, *b-boy* e *b-girl*, por Kool Herc. Pois estes dançavam no *break* das músicas que tocavam em suas festas, portanto *breaking* é a dança realizada no *break* da música.

Quando a dança iniciou, o qual não tem uma definição, ainda era mais sobre a competição com outras gangues, não haviam muitas movimentações que eram essenciais a performance, os fundamentos que vemos atualmente, era mais livre e mais agressiva.

A dança era diferente da forma de giros no chão pela qual se popularizaria uma década depois. Fabel diz “Era estritamente *top rocking*, quedas interessantes para chegar ao chão, incrível trabalho de pés e velocidade no *footwork*. Era realmente imprevisível. *Bouncing*, pivôs, giros, torções, *front sweeps*, sabe? E muito agressivo, muito agressivo ao ponto de no começo eu achar que era uma dança de gangue. (CHANG, 2007, tradução nossa)

Muito se fala também das similaridades que o *break* possui com as formas angolana e brasileira da capoeira, e em relação a isso trago duas referências que discordam entre si sobre essa afirmação. Ribeiro (apud Dias, 2019) diz que ao estar inserido dentro das escolas públicas americanas, sendo algumas delas no Bronx, observou alunos fazendo *breaking* no intervalo, nas ruas, nas esquinas e principalmente no verão. E como este era o público que tinha, começou a inseri-los na capoeira e os *b-boys* começaram a inserir na dança o peão de cabeça. Fala também sobre *Crazy Legs*, atualmente um *b-boy* de grande reconhecimento, onde diz que este realizou aulas de capoeira e se inspirou nela para criar sua própria movimentação dentro do *breaking*.

Porém em trecho de entrevista apresentada por Chang (2007), *Crazy Legs* afirma que não tinham acesso a diferentes formas de movimentações, sendo uma delas a capoeira:

Mas, enfatiza Crazy Legs, a dança evoluiu em um tempo e lugar muito específicos. "A gente não sabia que (...) era capoeira não, cara. A gente tava no gueto! Lá onde não tinha escola de dança, nada. Se tinha escola de dança era sapateado e jazz e balé. Eu só vi uma escola de dança na minha vida no gueto naquela época, e era na Van Nest Avenue, no Bronx, e era uma escola de balé" ele diz. "Nossa influência imediata no *b-boying* foi James Brown, ponto final." (CHANG, 2007, tradução nossa).

Apesar das contradições encontradas na literatura, podemos sim afirmar que o *breaking* evolui suas movimentações com um foco mais acrobático, começando pela movimentação que inicia em cima na posição em pé e que vai descendendo ao chão onde eram feitos passos elaborados de *footwork*, *freezes* e de volta ao *top rock* ao nível alto. Os estilos de cada *b-boy* evoluíam rapidamente, treinando e buscando criar e aperfeiçoar novas movimentações antes da próxima batalha, novos passos eram inventados a todo momento. *Crazy Legs* se tornou reconhecido pela criação de diversos passos que contribuíram para a estruturação da dança, que ficou a seguinte: *top rock, footwork, freeze, power move*.

Já os termos Hip-Hop Freestyle e o Hip-Hop Dance não possuem um momento específico e determinado para seu início, surgiram junto ao *breaking* na década de 1970, ficando mais conhecidos no início dos anos 1980.

O Hip-Hop Freestyle como o próprio nome contem, é assim como o *breaking*, um improviso, mas que inclui mais estilos de dança nascidos na mesma época em que o *break* estourava em festas de rua. Também dançado na estrutura de batalhas ou *cyphers*, inclui além do *break*, as danças sociais surgidas entre as décadas de 1970 e 1980, sendo elas, o *locking, popping, hip-hop dance* e *house dance*, e suas movimentações são executadas ao som de músicas do estilo Hip-Hop. Entende-se aqui danças sociais como:

[...] aquelas executadas por uma população em um determinado local, caracterizadas por serem mais voltadas para o prazer e, em geral, praticadas em bailes, reuniões sociais e festas [...] (LOUREIRO et al., 2019)

Ou seja, o Hip-Hop Freestyle é uma junção de movimentações de danças sociais, principalmente aquelas urbanas vernaculares “estadunidenses”, durante uma batalha ou *chyper* de improvisação. Já o Hip-Hop Dance como observamos apesar de também poder ser utilizado durante o improviso, é uma dança social com uma estrutura de passos mais consolidada, tendo ainda subdivisões para seus passos e nomenclaturas. São as chamadas escolas, cujos passos recebem nomenclatura e se dividem entre as décadas de 1980 e 2010.

A primeira, a *Old School*, representa a primeira geração de dançarinos de hip-hop dance, e compreende toda movimentação anterior aos anos de 1990. Tendo como seus passos: o *smurf*, *prep.*, *reebok*, *the wop*, *cabbage patch*, *happy feet* e *fila*. Para a década de 1990, temos a *Middle School*, que traz movimentações influenciadas pela aparição do Hip-Hop nas grandes mídias, criando vícios mais estéticos, com isso surgem oito passos que irão compor esta escola: *party machine*, *running man*, *roger rabbit*, *steve martin*, *bart simpson*, *papper seed*, *brooklin* e o *butterfly*.

A *New School* impulsionada a partir dos anos 2000, é o momento onde o Hip-Hop já estava estabelecido pelas grandes mídias, então foi possível experimentar e inovar, trazendo oito passos novos: *monastery*, *c-walk* ou *skeeter rabbit*, *bankhead bounce*, *walk it out*, *harlem shake*, *atl stomp*, *tone whop* e o *wreckin' shop*.

Além dos passos apresentados por cada escola, cada um ainda possui diferentes tipos de variações, seja com deslocamento ou adição de movimentação de outras partes do corpo.

## **1.6. Nossa semente em solo novo: o Hip-Hop no Brasil**

Segundo Rangel, Teodoro e Enoré (2017), a Cultura Hip-Hop chega ao Brasil no final dos anos 1980, onde o cenário das políticas neoliberais estava sendo fortemente aprofundado, diante disso a juventude sofre com a retirada de seus direitos, além de haver a intensificação da exploração sob a classe trabalhadora e consequentemente a criminalização da juventude periférica.

Chega através da ampla divulgação que recebeu nas grandes mídias, principalmente através de vídeos clipes produzidos nos anos 1980.

Sendo a juventude periférica em sua maioria afro-brasileira, e esta experimentar o descaso aos seus direitos, do racismo e violência que permanece após o fim da ditadura militar, se organiza então, entorno do movimento político cultural como uma forma de resposta e protesto.

Destarte o movimento Hip Hop irá se materializar nas periferias brasileiras tendo como característica principal a contestação da ordem societária estabelecida e a construção de uma cultura que iriam contra as decisões do Estado e propiciando o fortalecimento da identidade negra. (RANGEL, TEODORO e ENORÉ, 2017)

Apesar de chegar a diversas regiões do Brasil, conforme afirma Silva (2021) a maior parte das referências bibliográficas salienta o início das manifestações na cidade de São Paulo. E é no centro da cidade, na saída de metro São Bento nasceu o *point* da dança, consagrado o berço do Hip-Hop brasileiro. Desse berço surgem artistas que hoje são conceituados, como Thaíde, Nelson Triunfo, Dj Hum, Rappin' Hood, entre outros. Assim como também a conexão de jovens de regiões mais distantes do centro, como os artistas do grupo Racionais MCs, que eram jovens do extremo Sul, Capão Redondo, e extremo Norte, Tucuruvi.

Dessa forma, o Hip-Hop, nas periferias do Brasil, tem promovido ações de resistência cultural juvenil de combate ao racismo e à violência. Nota-se a relevância do impacto social desse movimento que põe em evidência uma juventude negra, à frente do seu tempo, capaz de recriar seus espaços nas favelas, por exemplo, por meio do canto falado. (DIAS, 2019)

Segundo Dias (2019) apesar da música e dança serem responsáveis pela difusão do Hip-Hop para diferentes lugares que não somente as favelas e bairros periféricos, chegando até a criação de um vínculo entre favela e universidade pelo interesse no Rap, tendo Racionais Mcs como o grupo mais citado dentro do meio acadêmico pela genialidade de composição de letras, músicas e clipes. Ainda há lacunas quando se trata de outros elementos também muito importantes como por exemplo, o *breaking*, um dos pilares da Cultura Hip-Hop que possui poucas referências dentro da universidade.

Conseqüentemente, gera a escassez de pesquisas voltadas para o ensino dessa cultura de forma mais detalhada, já que há poucas referências e, é uma cultura

recente e continua, que segue desenvolvendo a partir dos próprios pioneiros que ainda estão inseridos no estilo de vida.

## **2. MATERIAL DIDÁTICO: O QUE É, DE ONDE VEM E COMO SE FAZ?**

Cada vez mais ouvimos falar sobre o material didático criado especificamente para um conteúdo ou área pelo próprio professor, mas como isso acontece? O que é, de onde vem e como se faz? Para podermos falar melhor sobre o assunto, considero neste trabalho o material didático conforme Plein (2015), algo usado como ferramenta de apoio no processo de ensino/aprendizagem:

[...] vejo o material didático como uma estrutura que visa a oferecer ao aprendiz uma possibilidade para que ele possa (re)construir seu comportamento por meio do estudo das atividades de linguagem, que contêm um motivo orientador para um comportamento determinado por condições sócio-histórico-culturalmente determinadas. (DAMIANOVIC, 2007)

Segundo Bandeira (2009) o material didático pode ser dividido em duas categorias: produtos pedagógicos, como por exemplo, o material dourado apresentado por Maria Montessori (1870-1952). Este se constitui em um conjunto de contas, cubos e barras douradas normalmente utilizado em atividades matemáticas. Dentro dessa categoria acontece ainda a subdivisão em: brinquedos educativos e jogos educativos.

Em segundo, o material instrucional elaborado com finalidade didática, como por exemplo, os livros didáticos utilizados em sala de aula. Também tem suas subdivisões, sendo elas: impresso, audiovisual e novas tecnologias.

Ao arquitetar um material com finalidade didática, primeiro devemos analisar o contexto no qual esse material irá ser inserido e pensar nos recursos que serão necessários para que este seja desenvolvido, assim como também colocado por Sousa (2015) é necessário “levar em conta o contexto do aluno.”

No Brasil a falta de estrutura é pertinente na vida de muitos brasileiros. Falta moradia, saneamento, educação de qualidade, saúde, entre tantos outros pontos. Muitos fatores levam ao descaso, mas apoiar-se nessa realidade e

não mudar, por pouco que seja o nosso meio, é ser conivente com toda uma corrupção. Quando transformamos a realidade escolar do nosso alunado, quando mostramos a eles que podem ser diferentes, porque a educação pode nos levar a conhecer novas realidades, estamos transformando o mundo. (SOUSA, 2015, p.3)

Levar isso em consideração ao desenvolver material didático não somente nos abre diversas novas possibilidades de se fazer e criar como também nos aproxima da realidade vivida pelos alunos que irão utilizar tal material, e talvez até mesmo o próprio educador aprender com as possibilidades que podem vir a ser criadas pelos alunos.

Pode-se dizer, em linhas gerais, que material didático é um conjunto de recursos dos quais o professor se vale na sua prática pedagógica, entre os quais se destacam, grosso modo, os livros didáticos, os textos, os vídeos, as gravações sonoras (de textos, canções), os materiais auxiliares ou de apoio, como gramáticas, dicionários, entre outros. (OCEM apud SOUSA, 2015).

Na subdivisão de material instrucional feita por Bandeira (2009) são apresentadas três categorias elaboradas a partir do tipo de suporte e mídia escolhida para elaboração do material: impresso, audiovisual e novas mídias.

O material impresso, tem divisões de acordo com a etapa e modalidade de educação formal e informal, podendo ser dividido de diversas maneiras, sendo algumas delas: caderno de atividades, guia do aluno, guia do professor, livro didático, livro paradidático, etc. E tem grande aceitação por ser de fácil manuseio, a possibilidade de consultá-lo fora da sala de aula e não requer nenhum outro recurso, como equipamento ou recurso tecnológico, como o material audiovisual requer, por exemplo.

Entende-se o material audiovisual como uma maneira de estimular sensorialmente a audição e visão, uma combinação de imagem e som, existem as possibilidades de interpretação e integração de recursos de áudio e visuais.

Ele possibilita explorar imagem e som, estimulando o aluno a vivenciar relações, processos, conceitos e princípios. Esse recurso pode ser utilizado para ilustrar os conteúdos trabalhados, permitindo ao aluno visualizar situações, experiências e representações de realidades não-observáveis. Ele auxilia no estabelecimento de relações com a cultura e a realidade do aluno e é um excelente recurso para fazer a síntese de conteúdos. (MEC, 2007b apud BANDEIRA, 2009)

As novas mídias, “termo apropriado da pronuncia em inglês do termo em latim, no plural *media*” (Bandeira, 2009), nada mais são os materiais que são ofertados pelas tecnologias de informação e comunicação (TIC).

As novas mídias representam uma inovação na aquisição, organização e difusão do conhecimento e, neste caso, podem ser exemplificadas pela hipermídia que se realiza a partir do uso ou do caminho escolhido pelo usuário na Web e pressupõe interatividade, recursos, navegação não linear e autoria. (BANDEIRA, 2009)

A grande diferenciação das novas mídias das antigas mídias -mídias analógicas- é a de que como o seu acesso torna possível a interação do aluno e de diferentes usuários na construção e elaboração da sua própria educação, como por exemplo, utilizando a internet para realizar pesquisas, assistir videoaulas e até mesmo realizar a entrega de trabalhos online. Também existe a facilidade de armazenamento e forma de manuseio destas mídias, que podem estar no computador ou até mesmo em aparelhos móveis.

### **3. METODOLOGIA**

A escolha da metodologia a ser utilizada neste trabalho tem grande relação a como a história do Hip-Hop vem sendo contada, narrada, tecida oralmente de geração em geração. Apesar de termos a história como um fato, já que foi e ainda é um movimento político cultural recente, por ser passada majoritariamente através da narrativa, esta gera diversas outras possibilidades de tecer movimentos e questionamentos a partir da relação de quando ocorrem esses marcos históricos com o os acontecimentos atuais da nossa sociedade, e acaba por nos forçar a trabalhar a memorial individual e coletiva de acontecimentos.

A metodologia de pesquisa narrativa me permite seguir esse caminho de compartilhamento de experiência já que como citado por Sahagoff (2015):

Os limites de uma pesquisa narrativa se expandem e se contraem, e onde quer que se encontrem e em qualquer momento são permeáveis, mas não permeáveis osmoticamente com as coisas tendendo a mover de uma maneira só, mas permeáveis interativamente. As vidas – pessoais, privadas e profissionais – dos pesquisadores têm fluxos através dos limites de um local de pesquisa; de igual modo, embora muitas vezes não com a mesma

intensidade, as vidas dos participantes fluem em outra direção. (CLANDININ e CONNELLY, 2011 apud SAHAGOFF, 2015)

Ou seja, me permite ter voz ativa dentro da escrita e criar uma ligação com a voz dos leitores e participantes, não mantendo a pesquisa em uma única verdade já que como pesquisadora tenho meus próprios questionamentos e visões de mundo. Como dito por Souza (2006):

A escrita narrativa potencializa no sujeito o contato com sua singularidade e o mergulho na interioridade do conhecimento de si, ao configurar-se como atividade formadora porque remete o sujeito para uma posição de aprendente e questiona suas identidades a partir de diferentes modalidades de registro que realiza sobre suas aprendizagens experienciais.

Além de me sustentar em uma metodologia de pesquisa narrativa, junto a minha pesquisa caminham os conceitos da Pedagogia Hip-Hop, proposta por Hill (2014) através de estudos onde compartilha sua experiência de docência com o um professor de inglês, onde levou o Hip-Hop como conteúdo de aproximação da realidade dos alunos, por acreditar que o “Hip-Hop não é um subgênero cultural, mas sim a expressão de uma identidade libertadora e de afirmação para os jovens afro-americanos das periferias das metrópoles espalhadas pelo mundo”, como percebido por Mônica Amaral no prefácio da tradução brasileira da obra de Hill (2014).

O valor educacional inerente ao *hip-hop* deriva de sua autoconsciência, determinação e expressão. A verdadeira educação do *hip-hop* é fundada na pedagogia do *hip-hop* que procura processos de aprendizados alternativos e múltiplas teorias e práxis do ensino aprendido. (DIAZ, 2015 apud DIAS, 2019)

### **3.1. Problema de pesquisa**

Como elaborar um material didático sobre o Hip-Hop para a educação básica?

### **3.2. Objetivo Geral**

O objetivo geral do presente estudo é propor material didático para o ensino do Hip-Hop na educação básica.

### 3.3 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos deste estudo são os seguintes:

- a) Realizar revisão de literatura sobre o hip hop
- b) Identificar estudo sobre a construção de material didático
- c) Propor material didático para o ensino do Hip-Hop na educação básica integrando outras linguagens ao ensino da dança

## 4. REPLANTANDO HISTÓRIA: MATERIAL DIDÁTICO SOBRE HIP-HOP

Quando era criança, meus pais decidiram se mudar do Uruguai para o Brasil, em busca de uma melhor qualidade de vida. Nos mudamos para um bairro periférico da cidade de Canoas no Rio Grande do Sul. E foi nesse bairro, que eu construí uma parte de mim. Vivia brincando na rua, de pé no chão e tinha muito contato com a música de MCs, tanto de Funk carioca quanto de RAP brasileiro.

Aos dez anos eu já sabia de cor as letras do grupo Racionais MCs, apesar de ainda não entender todas as entrelinhas contidas nas letras e cliques, eu sabia sobre o que a música se tratava, porque o que acontecia no meu bairro em questão de violência e discriminação era de certa forma parecido ao que era descrito nas músicas que não saiam da minha cabeça. Com essa mesma idade início na dança hip hop e aprendo mais sobre algo que já fazia parte, de certa forma, da minha vida. Acho que até o momento descubro ainda certas similaridades entre a cultura na qual eu cresci e a cultura na qual escolhi me inserir e seguir.

Por isso, não só como alguém que experienciou muito da cultura, mas também como alguém que tenta passar a informação adiante, nasce o desejo de criar algo que reúna, mesmo que de forma simples, a história do hip-hop, uma cultura que se encontra em comum com a maioria das realidades e contextos do Brasil. Algo que conte mais do que só um pedaço, um recorte, mas que fale sobre o processo dessa concepção. Assim como irei fazer neste capítulo, no qual narrarei o processo de elaboração desse material didático informativo.

#### 4.1. Criando mudas

O enriquecimento da aula se dá através das diversas possibilidades e oportunidades de apresentar determinada informação ao aluno, então acredito ser sim importante haver produtos pedagógicos para serem usados como material didático dentro da sala de aula, mas é pela falta de embasamento existente sobre o hip-hop para ofertar aos educandos junto a este tipo de material que eu faço a escolha de criar um material didático instrucional específico para a educação desta cultura. Num primeiro momento penso em algo entre o livro didático e o paradidático, já que a pretensão é abordar um tema em específico, o Hip-Hop, mas não tornando-o num livro literário. Apesar dessa vontade decido não especificar tão nomeadamente qual o tipo de material didático resultará ser e sim deixar o material tomar forma e nomear a partir do processo de criação.

O que sim tenho em mente são as informações que quero passar adiante e utilizo deste trabalho para encontrar métodos para explicar de uma maneira adequada e compreensível todo o movimento político cultural que é o Hip-Hop e seus desagues, assim como transformar essas informações em conhecimento que irá influenciar no entendimento das danças da Cultura Hip-Hop e incentivar a busca de pesquisa e experiência de cada aluno.

Tendo todas estas vontades em mente, preciso definir o por onde começar. Qual seria a maneira mais interessante e proveitosa para os alunos aprenderem sobre essa cultura e o que a move? Além da aula de dança ter a introdução da movimentação corporal geral e específica, sinto que as vezes os estudantes necessitam de ajuda para visualizar melhor o que está sendo explicado, por isso ao pensar em material, penso em um material visual e informativo, que capte a atenção e curiosidade do aluno, levando-o a tentativa de experiência e reflexão do que observa na imagem.

Ao pensar em um material voltado para a educação de ensino básico e que tenha o visual como grande característica, penso no livro *O Grande Livro de História do Manual do Mundo* organizado e criado pelo Manual do Mundo, considerado pelo Guinness World Records, o maior canal do YouTube de Ciência e Tecnologia em língua portuguesa do mundo, e ilustrado por Blake Henry e Tim Hall. O livro tem um caráter

educativo e se torna especial e chamativo graças a maneira em que as informações são escritas e demonstradas visualmente.

Por isso escolho seguir, a princípio, tangenciar a iconografia, definida como como o “conjunto das ilustrações de uma obra impressa” e “arte de representar por meio da imagem” (Ferraro, 2012).

Em todo o Ocidente, no século XX, a valorização do uso das imagens, a partir do desenvolvimento de práticas pedagógicas nas escolas, estimulou a impressão de representações iconográficas junto aos textos didáticos. Essas representações têm sido utilizadas como apoio visual e emprestam significados plurais a todo e qualquer tipo de texto. (FERRARO, 2012)

#### **4.1.1. Plantas de plástico ou de verdade?**

Com a definição de um material didático visual escolhido para desenvolver este trabalho, me questiono então, como trazer essa informação visual. Se irei criar personagens fictícios que falem sobre a história ou trazer os próprios personagens históricos? Já que a ideia inicial é apresentar a história como foi e como é, para que possam ocorrer interligações de identificação, representatividade e até mesmo alguma provocação política-cultural da História dessa cultura com o estudante, decido então criar através da apresentação desses personagens históricos, trazendo-os também como uma referência suas trajetórias além de seus modos de pensar e criar, já que foi a partir de todas essas trajetórias que foi feita a história.

Dessa maneira também é possível entender que o material trará uma narrativa linear da história e seus ocorridos, podendo até ser lida de maneira aleatória, mas para melhor compreensão dos acontecimentos a leitura deve ser feita do início do material para o final.

#### **4.1.2. Escolhendo um vaso**

Em questão de design, defino apresentar de uma maneira familiar e ao mesmo tempo divertida visualmente. Folhas de caderno, com desenhos e anotações de palavras que talvez sejam novas ao vocabulário de quem irá usufruir do material.

As folhas de caderno com anotações também me remetem aos cadernos de poesias carregados por MCs com suas letras empoderadas e de luta, que se tornariam ou não um Rap no futuro, o que torna mais significativa a escolha.

Com uma fonte que remete a caligrafia de escrita a mão com caneta são feitos os títulos, o texto e pequenas notas com o ressaltado de marca texto explicando alguns termos mais específicos.

E para completar a ideia de caderno de anotações, a inserção dos clássicos rabiscos e decorações que ajudam na contextualização da narrativa e ajudam na memória visual.

#### **4.2. Colocando a mão na terra**

A partir desta minha reflexão, começo a rabiscar a imagem de algumas das pessoas que foram e são importantes na Cultura Hip-Hop, como o DJ Kool Herc e Afrika Bambaataa. Esse momento de desenhar para visualizar me possibilitou parar e refletir e mais uma vez voltar ao início. Quem vai apresentar e passar a informação para os alunos dentro do material? As próprias figuras históricas ou um personagem fictício criado especialmente para isso? E além disso, como inserir minha parte de pesquisa nesse material didático?

Foi então, que enquanto tentava buscar uma resposta para meus próprios questionamentos, realizei num papel que encontrei ao meu lado, um rabisco de uma imagem de mim mesma, a Prof.<sup>a</sup> Ceci (figura nº 1)

E foi nesse momento que uma chave virou na minha cabeça e encaixou com as decisões que eu já havia tomado. A prof.<sup>a</sup> Ceci se tornaria uma personagem para apresentar esse universo a quem o procurasse, mais ou menos o que procuro realizar com esta pesquisa.

**Figura 1, esboço de ilustração Profª Ceci feita por Cecília Diez**



Tendo agora uma possível mediadora, alguém que irá acompanhar o aluno durante a trajetória de aprendizagem sobre o Hip-Hop em mente, o processo de iniciar se torna um pouco mais concreto. Mas a ilustração a mão não satisfaz minhas vontades, por isso passo a desenhar digitalmente.

Minha escolha inicial é contextualizar um pouco a história do Hip-Hop e depois inserir alguns movimentos de base para realizar os passos da dança de uma maneira inicial. Com isso em mente, começo o material didático assim como iniciei o meu referencial a respeito da história do Hip-Hop neste trabalho, falando sobre as raízes jamaicanas da cultura e sobre o jamaicano, Clive Campbell, que leva essa cultura a outro país.

O mais interessante para mim não é passar a história completa e pesada, mas tentar transmitir a importância que a união dos jovens que construíram uma cultura a partir de uma fraqueza gerada por um governo discriminatório. Como, através de manifestações artísticas muitas vidas foram poupadas e até as vezes melhoradas.

Sendo assim, insiro a questão de gangues de maneira rápida e neutra, focando no Tratado de Paz realizado entre gangues para que a violência entre si terminasse e pudessem conviver de maneira amistosa. O que possibilitou toda a cultura que proponho como estudo acontecesse. O que possibilitou que Clive Campbell crescesse em um bairro sem barreiras entre seus moradores e pudesse praticar com seu toca discos em diferentes regiões do Bronx, o que aproxima jovens de diferentes gangues que levam a energia da violência que tinham uns contra os outros para dentro das cyphers e batalhas, que iam atrás de seu setlist original após a ideia que gerou uma cultura, o Marry Go Round.

Começo a sentir certa dificuldade em alguns momentos, para não tornar o

conteúdo estático, com isso quero dizer, algo cansativo de se olhar ou entediante de ler, até chegar o momento de falar sobre as danças em si.

Ao chegar o momento de falar sobre a criação da *Universal Zulu Nation*, fiquei em dúvida do quanto me aprofundar nas raízes dessa decisão e o quanto da informação em relação a exposição do Hip-Hop nas mídias de maneira política seria interessante e como seria compreendida pelos alunos, já que vivemos numa época totalmente midiática, o desenvolvimento do assunto teria que depender do professor e/ou responsável que acompanha estes alunos. Assim como, a explicação do quinto elemento do Hip-Hop, o Conhecimento, a qual reduzi para o que acreditei que seria mais proveitoso para estudantes da educação básica, mas mantendo a intenção inicial.

Os quatro primeiros elementos, o dj, mc, grafite e break, são os que, pela minha experiência como professora, captam mais a atenção dos estudantes e também de identificação, pois são elementos que são mais comuns na cultura brasileira. Que criança nunca viu um grafite enquanto passeia pela rua com os pais, ou conhece músicas que são cantadas por mcs? De primeira instância talvez não saibam do que se trata, mas ao levar o assunto a sala de aula, sempre são ouvidos muitos relatos de experiência e apreciação.

Como também a origem da palavra Hip-Hop, que escrevendo este trabalho descubro duas possíveis explicações, até então conhecia somente uma. Por isso, acho interessante ofertar as duas, para explicar também sobre como no hip-hop há uma dificuldade de descobrir origens, de onde começam as coisas, quem as cria, quem foi o primeiro a fazer algo. Como trago na metodologia, a Cultura Hip-Hop passou por muito tempo e ainda passa em algumas ocasiões, sua história de maneira oral, o que as vezes pode gerar várias versões do mesmo fato.

Com o contexto sobre a cultura inserido no material, o foco agora é falar sobre a dança e apresentar algumas movimentações de base para iniciar os estudos no hip-hop dance. Antes, realizo uma pequena explicação e diferenciação dos estilos breaking, hip-hop dance e hip-hop freestyle, já que estes andam juntos constantemente, acho que é necessário a explicação do que é cada coisa para que não haja uma confusão futura a respeito disso.

Crio então um chamado “Glossário de Base”, onde apresento movimentações básicas para dançar o hip-hop e um passo de cada subdivisão do hip-hop dance. No início da construção deste glossário, houve certa dificuldade para entender qual seria

a maneira em que os movimentos seriam passados, considerando que talvez o estudante não esteja acompanhado do professor no momento da leitura, decido criar algo mais visual e com uma explicação simples.

Começo então a gravar vídeos com os passos a serem inseridos no material e desenhar digitalmente o passo-a-passo de cada um. Me utilizar de modelo facilitou essa parte, pois no momento de executar as movimentações nas gravações eu pude escolher o tempo de cada parte da execução, o que simplifica o desenhar. Além da representação do movimento, incluo também algumas anotações visuais, como flechas de direção ou palavras que ajudam no momento de reproduzir.

Para finalizar convido o estudante a responder algumas perguntas, que servem como uma forma de acompanhamento do aprendizado obtido através do material ofertado. Convido também a que compartilhe suas respostas com seus colegas, vendo isso como uma maneira de troca e ensinamento sobre a cultura, já que por exemplo, o passo mais difícil para um pode ser mais fácil para o outro, que pode então auxiliar o colega.

Após o desenvolvimento do material, percebo que ainda não lhe dei um nome, uma identidade, uma maneira de ser apresentado aos estudantes. Fico algumas horas olhando para o material que finalizei, e começo a refletir que ainda que completo em questão de história, é um esboço de algo que pode ainda crescer. Com isso, a palavra *sample* aparece em minha mente, traduzida do inglês significa amostra e está totalmente presente dentro da Cultura Hip-Hop, já que *samples* são trechos sonoros de músicas que podem ser utilizados em remixes e criações de novas músicas, remetendo as possibilidades que ainda podem existir a partir do que foi criado nesta pesquisa

A seguir, no próximo capítulo, o material didático desenvolvido através desta pesquisa, intitulado: *Sample: Hip-Hop para todos*.

## 5. SAMPLE: HIP-HOP PARA TODOS



Olá, tudo bem?  
Eu sou a Prof.<sup>a</sup> Ceci

Estou aqui para te acompanhar  
nessa nova aventura que vai ser  
conhecer o Hip-Hop.

Tenha em mente que  
agora nós iremos entrar  
em um mundo novo, cheio  
de descobertas, então temos  
que prestar muita atenção as  
novidades que encontrarmos e  
se tivermos dúvidas perguntar  
para o adulto mais próximo da  
gente. Combinado?



# A História



Clive Campbell,  
DJ Kool Herc

O DJ Kool Herc foi um dos grandes pioneiros da Cultura Hip hop .

Nasceu na Jamaica em 1955, país que lutava pela sua independência através de protestos. Uma das formas desses protestos acontecia em festas populares , onde haviam os famosos da época, os Sounds Systems (sistemas de som).

Junto a eles estavam os Toasters, que faziam discursos de protesto contra a violência e miséria.

**Toasters** eram os mestres de cerimônia dos Sounds systems jamaicanos, a origem da palavra vem do termo "toast" que significa brindar em inglês, ou seja os Toasters convidavam aqueles que estavam nas festas a brindar e celebrar sua cultura. Em determinado momento passaram a somar os protestos contra o governo numa luta pela independência e contra violência e miséria

Em 1967, aos doze anos de idade, Clive Campbell - kool herc - se mudou para os Estados Unidos da América com sua família, mais especificamente para um lugar chamado BRONX na cidade de Nova Iorque.

Os bairros que faziam parte do Bronx naquela época estavam esquecidos e largados pelos governantes que deveriam cuidá-los. Os que sobraram faziam parte de

**PIONEIRO** é aquele que faz o que ninguém fez antes

gângues, que protegiam somente os seus integrantes.



Mas isso mudou em 1971, após um conflito que deveria ser resolvido pacificamente entre gângues terminar com a morte de um integrante de uma gânga muito importante, os Ghetto Brothers.



Benjamin Melendez.  
Yellow Benji

O líder dessa gânga, Yellow Benji (Benjamin Melendez) apesar de ter ficado muito chateado e bravo com o que aconteceu decidiu que a violência entre gângues tinha que acabar e convocou uma reunião com os líderes de todas as gângues do Bronx.

A reunião aconteceu no dia 8 de dezembro de 1971 no Bronx Boys and Girls Club na Avenida Hoe e recebeu a atenção de muitos policiais, fotógrafos, televisão e jornalistas que esperavam que tudo acabasse em briga, mas essas expectativas foram quebradas.

Após momentos de tensão onde os líderes das gângues ficaram se acusando de diversas coisas, Yellow Benji começa a falar. Fala sobre como a violência não trará seu irmão de gânga de volta e que os brancos que abandonaram a região não se importava se eles se mexicassem entre eles. Que havia que ter união entre as gângues para que finalmente a vida no Bronx pudesse prosperar.

Propôs então o **TRATADO DE PAZ**

# Tratado de Paz



A Todos os Irmãos e Irmãs :

Nós percebemos que somos todos irmãos e vivemos nos mesmos bairros e temos os mesmos problemas.

Também percebemos que brigar entre a gente não vai resolver nossos problemas em comum.

se nós quisermos transformar nossa comunidade em um lugar melhor para nós e nossas famílias, temos que trabalhar juntos .

Nós que assinarmos este acordo prometemos a paz e a união de todos.

Todos que assinarem este documento serão conhecidos a partir de agora como

A Família.

Os termos da Paz são os seguintes:

1. Todos os grupos devem respeitar uns aos outros - facções, membros individuais e suas mulheres. Cada membro de uma facção da Família poderá usar suas jaquetas na área de outra facção sem ser incomodado. Eles devem se lembrar de quem manda naquela área e respeitá-la como se fosse sua.

2. Se uma facção tiver um problema com outra facção, os presidentes de cada uma devem se encontrar para resolver. Se um membro de uma facção tiver um problema com um membro de outra facção, os dois devem discutir. Se isso não der certo, os dois devem brigar entre si, depois disso o caso será considerado encerrado. Se houver qualquer rumor de facções brigando entre si, os líderes desses grupos devem se encontrar e resolver.



3. Para as facções que não fazem parte do Acordo de Paz, os presidentes da Família se encontrarão com a facção para explicar os termos da Paz. À facção será oferecida a oportunidade de:



- se juntar
- se dissolver
- ser dissolvida



4. Os presidentes da Família se reunirão periodicamente para discutir assuntos de interesse dos grupos.

Esta é a Paz que prometemos manter.

## Nasce o Hip-Hop

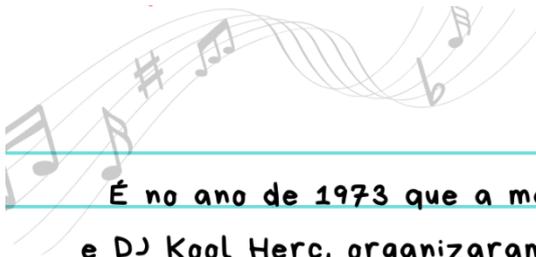


Logo após o Tratado ser assinado tudo mudou no Bronx, membros das gangues podiam circular livremente pelos bairros e podiam participar das festas nos diferentes bairros usando seus coletes sem medo de encontrar briga.

Clive Campbell, convence então o pai a lhe comprar um toca discos, inspirado pelos Sounds Systems, Toasters e músicas jamaicanos começa a fazer apresentações na escola. Quando começa a estudar mais e ganhar experiência, se junta a sua irmã Cindy para fazer festas no salão do prédio onde viviam. Acaba sendo conhecido como o responsável pelas Block Parties e o primeiro DJ a misturar rap e reggae.

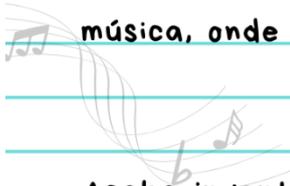
BLOCK PARTY  
significa Festa  
do Quarteirão  
em Inglês

Clive Campbell, passa a usar o nome artístico Kool Herc, que tem inspiração do seu porte físico, já que Clive gostava de manter o corpo em forma recebeu o apelido de Hércules, o famoso semideus da mitologia Grega. E a primeira vez que assinou como Kool Herc, foi antes de começar a estudar o djying, junto com a crew de grafite da qual fez parte por pouco tempo, a Ex-Vandals.



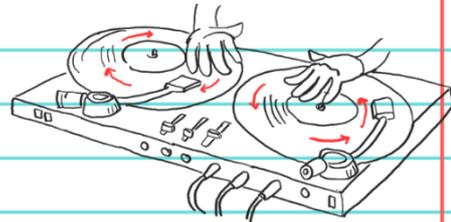
É no ano de 1973 que a magia acontece. Cindy Campbell e DJ Kool Herc, organizaram a agora famosa "Back to School Jam" com o intuito de arrecadar dinheiro para a volta as aulas e comemorar o aniversário de Cindy. Mas essa festa teve uma grande diferença em relação as anteriores.

Herc havia estado estudando e experimentando maneiras de tocar e queria acentuar as partes da música (funk, soul e R&B) que havia percebido que era o momento em que as pessoas mais dançavam, o chamado break da música, onde apenas tocava a parte instrumental.



Acaba inventando então uma técnica chamada "Marry Go Round", usando dois toca discos cada um com uma cópia do album que queria tocar, estende o break da música.

Enquanto toca em um, ele levanta a agulha do toca discos e quando o break termina no primeiro disco, abaixa no momento do break no segundo. E assim vai repetindo a ação, estendendo por muito mais tempo o momento para dançar.



E foi assim que acabou conquistando os dançarinos de suas festas, que mais tarde ele acabaria chamando de b-boy ou b-girl, que significa break boy e break girl, já que eles dançavam no break da música.

Alguns meses depois, no dia 12 de novembro de 1973, Afrika Bambaataa e outros membros de gangues que participaram do Tratado de Paz de 1971, decidem se unir e criar a Universal Zulu Nation.

A Universal Zulu Nation foi criada com a intenção de proteger as manifestações artísticas que estavam acontecendo no Bronx e que começavam a receber um alcance das mídias. Por isso, Bambaataa define então que todos os elementos artísticos que os jovens do Bronx estavam envolvidos, seriam os elementos da Cultura Hip-Hop.

Os quatro primeiros elementos da Cultura Hip-Hop:

- ♥ DJ - Disc Jockey, a alma do Hip-Hop, raiz da cultura. Responsável por criar as técnicas musicais.
- ♥ MC - Mestre de Cerimônia, expressão musical e verbal, pode ser representado pelo cantor de RAP.
- ♥ GRAFFITI - expressão por meio de arte visual
- ♥ BREAKING - um dos primeiros a surgir, expressão corporal.

Existe também um quinto elemento, inserido depois, que é o Conhecimento. Afrika Bambaataa diz que podemos amar a Cultura Hip-Hop, mas sem o Conhecimento não saberemos como mudar a nossa situação e dos que estão a nossa volta.

## E por que Hip-Hop?

Você talvez esteja se perguntando "ta, mas da onde saiu esse nome, Hip-Hop?". E existem duas possíveis histórias para esse nome.

A primeira e talvez mais conhecida é de que esse nome já existia antes da cultura nascer e que significa: **saltar movimentando os quadris.**

A outra explicação é que o nome nasceu do som da agulha do toca discos faz quando é colocada no disco.

E você, qual explicação acha mais legal?

# Dança

Agora sim, iremos falar mais especificamente da dança na Cultura Hip-Hop. Vamos descobrir três estilos que andam juntos, são eles: o breaking, o hip-hop freestyle e o hip-hop dance. Apesar de serem parecidos, existem algumas diferenças entre eles, se liga só:

## Breaking

O breaking começou como uma dança freestyle, onde os dançarinos, b-boys e b-girls, se expressavam contra outros dançarinos. Mas com a invenção do breakbeat, começou a receber uma estrutura. Mas como assim uma estrutura? Basicamente, é uma lista de tipos de movimentações que devem ser feitas para que a dança seja considerada breaking. São elas:

- Top rock - são os movimentos realizados no plano alto, ou seja, em pé;
- Footwork - são os movimentos realizados no plano baixo, ou seja, no chão e com muitas movimentações dos pés;
- Freeze - são os movimentos que normalmente são usados para finalizar o improviso, ficando então 'congelados'

- Power Move - são os movimentos de força e explosão, como os giros de cabeça, saltos mortais e alguns movimentos acrobáticos parecidos com os da ginástica e capoeira.

## Hip-Hop Dance

O Hip-Hop Dance é uma dança social e não possui uma data certa de nascimento, mas se tornou uma dança estruturada e é dividida em três partes: Old School, que possui sete movimentos criados nos anos de 1980. A Middle School, com oito passos criados nos anos de 1990, e a New School que compreende oito passos criados entre os anos 2000 e 2010.

Danças sociais são as danças feitas em determinado lugar e o seu maior objetivo é de prazer e diversão

Além dos passos definidos para cada 'escola', cada um ainda tem suas variações, que adicionam deslocamento ou movimentações com outras partes do corpo.

## Hip-Hop Freestyle

O Hip-Hop Freestyle, como o próprio nome já nos diz, é uma dança improvisada em músicas do estilo hip-hop.

O que ele tem de diferente do breaking e do hip-hop dance é que ele não é um estilo de dança, mas estuda vários estilos de dança sociais, sendo elas: o locking, o popping, o hip-hop dance, house dance e o breaking.

É dançado, assim como o breaking, em batalhas ou cyphers de improvisação. Onde músicas aleatórias são colocadas e os dançarinos tem que desenvolver seu improviso mantendo o cuidado com a musicalidade e qualidade de movimento.

- Locking - dança do estilo funk, tem como característica ser 'travada', pois são feitas movimentações rápidas de braços e logo em seguida, 'trava' o corpo em uma pose
- Popping - em inglês, a tradução de popping seria 'estourando'. Essa dança tem como característica a contração dos músculos do corpo com movimentações lentas seguindo a batida da música.
- House Dance - dançada no estilo de musica house, essa dança tem como característica a movimentação de pés e quadris. É mais livre e tem como parte de sua base o divertimento.

Vamos ver agora um pouco mais sobre o Hip-Hop Dance? Se liga nesse glossário de movimentos que devemos conhecer para começar nossos estudos.

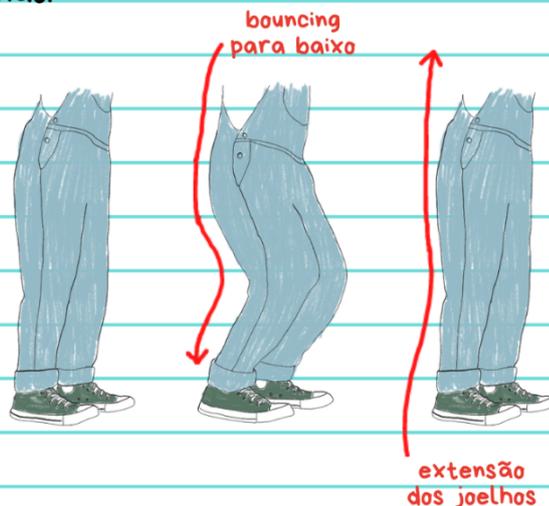
# Glossário de Base

Neste glossário você irá encontrar alguns dos passos sociais que fazem parte das subdivisões do Hip-Hop Dance: Old School, Middle School e New School.

Mas antes vamos uma olhada na base das bases: o bounce, o rock e o groove, eles vão nos ajudar a realizar essa dança, e você vai perceber mais tarde que eles estão presentes em todos os passos.

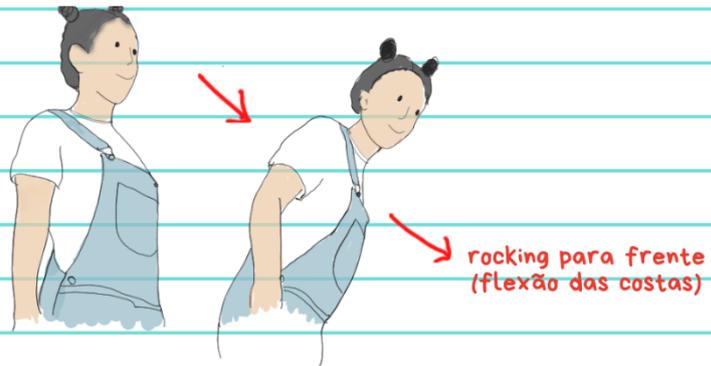
## Bounce

O Bounce é o movimento de flexionar e estender os joelhos, ou seja, dobrar e desdobrar. Pode ser feito com duas intenções, com o acento do movimento para cima, focando na extensão dos joelhos, ou com acento para baixo, onde o foco é na flexão dos joelhos, em direção ao chão.



## Rock

O foco de movimentação do Rock é do tronco, onde ele pode flexionar (dobrar), estender e flexionar lateralmente (dobrar para os lados).



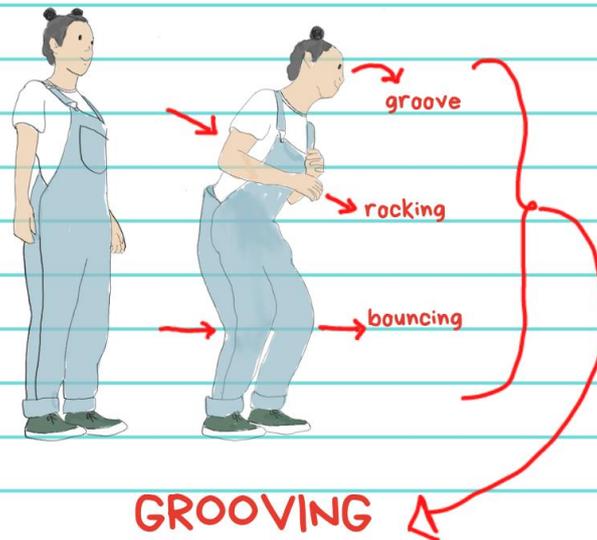
## Groove

O Groove nada mais é do que aquele movimento que fazemos com a cabeça quando ouvimos uma música. Pode ser o balanço da cabeça para a frente, para trás e para os lados.



## Grooving

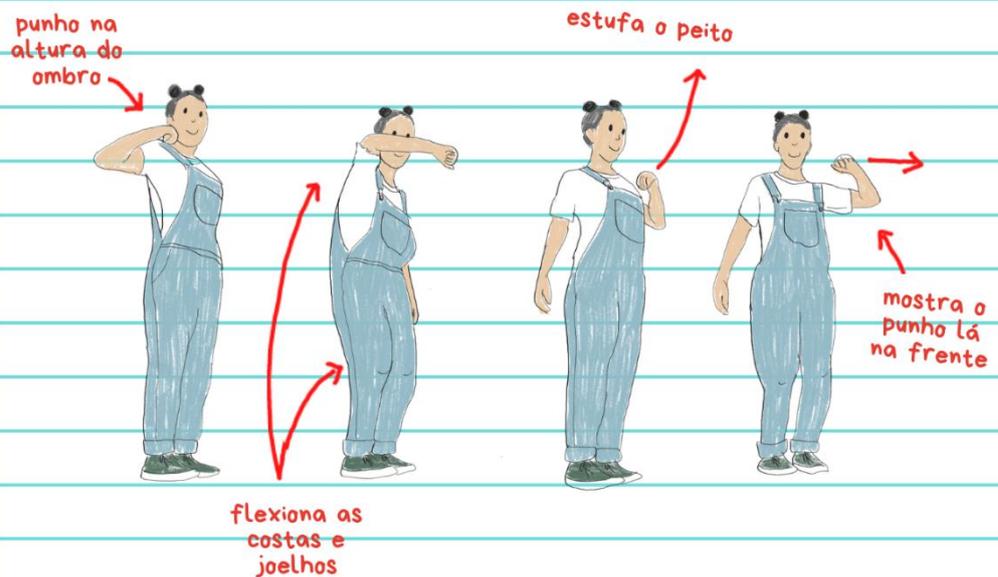
É a junção dos três movimentos: bounce, rock e groove. Ou seja, juntamos nossos movimentos de perna, tronco e cabeça. O movimento é então flexionando (dobrando) os joelhos, flexionando ou estendendo o tronco e balançando a cabeça no ritmo da música que está sendo dançada. Os braços são livres e vão se mexer conforme você for entrando no Grooving.



Com esses quatro movimentos em mente vamos agora explorar um passo de cada escola do Hip-Hop Dance.

# Old School Smurf

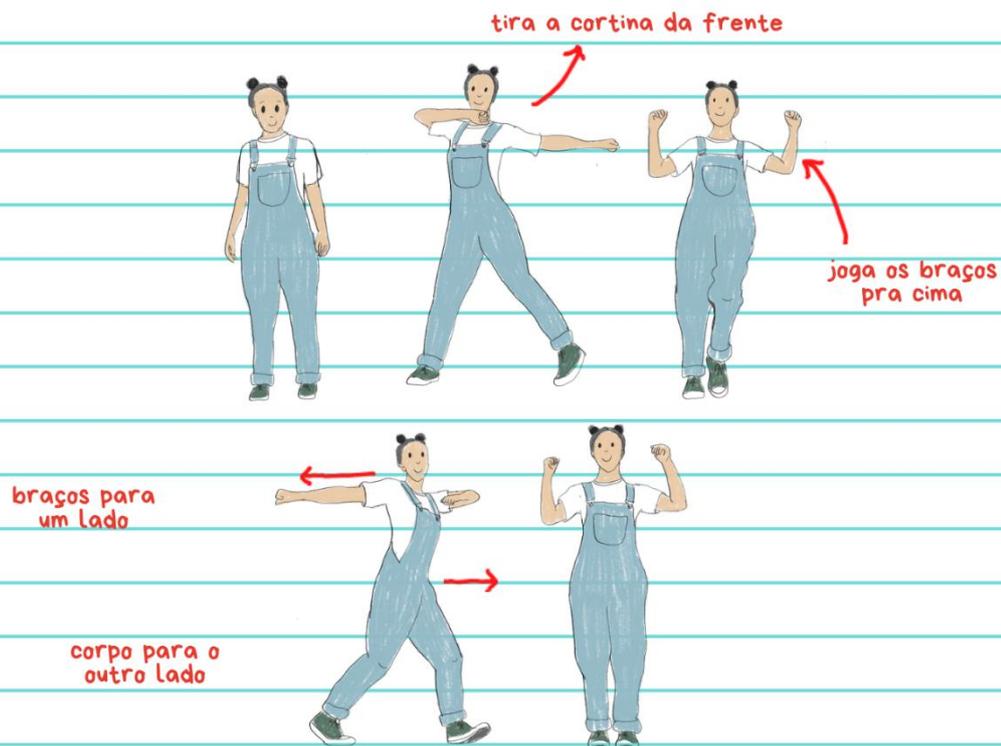
O Smurf é um movimento que além de ter o grooving, vai usar muito os braços. O movimento é feito com os punhos fechados, estendendo um braço de cada vez a frente do tronco, como se você estivesse empurrando algo. Quando você empurra com o braço o tronco vai "murchar" ficando com costas de tartaruga e quando o braço voltar para perto do corpo, o tronco vai estufar.



# Middle School

## Bart Simpson

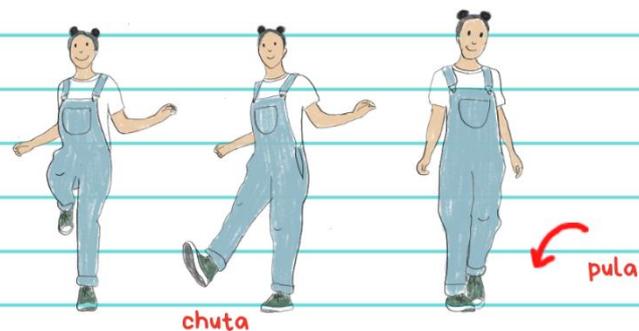
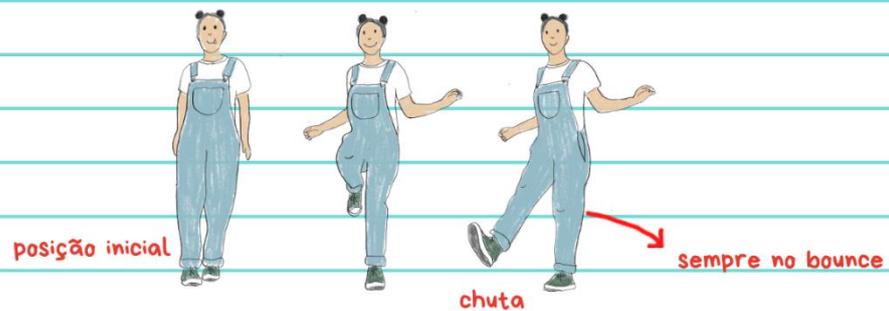
O Bart Simpson é um movimento feito se deslocando, ou seja, saindo do lugar. Como se tivesse uma cortina a sua frente, você irá puxar o seu corpo para o lado como se a estivesse abrindo. Logo depois você irá jogar os braços para cima e repetir a mesma coisa para o outro lado. Não esquece do bounce, ele irá te ajudar a realizar este movimento mais facilmente.



# New School

## ATL Stomp

O ATL Stomp, assim como o Bart Simpson, também é feito se deslocando. Você irá "chutar" o ar duas vezes para um lado, não precisa ser muito forte e nem muito alto. Logo depois você irá dar um pulinho para a direção que você estava chutando. E depois repete tudo para o outro lado.



Me conta um pouco como foi sua prática?

Qual passo gostou mais de conhecer?

E qual foi o passo que teve mais dificuldade?

O que te chamou mais a atenção na história da Cultura Hip-Hop?

Responda as perguntas e divida suas respostas com os colegas, que tal?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo trago as considerações finais sobre este trabalho, que pretendeu descrever o processo de criação de material didático sobre Hip-Hop para a Educação Básica. Para atingir esse propósito foram realizadas uma revisão de literatura sobre a história do Hip-Hop e a identificação breve de estudo sobre a construção de material didático. A partir de tal revisão, é possível perceber a escassez de referencial sobre o tema, principalmente em português, o que conseqüentemente pode estar afetando a falta de criação de material sobre Hip-Hop, não somente para estudantes da Educação Básica, mas como também para outros públicos que buscam estudar a cultura.

A construção deste material didático busca iniciar o processo de preenchimento dessa lacuna, da falta de ter o que ofertar aos alunos para complementar seus estudos em dança, assim como também busca a inclusão de outras linguagens, como a visual e a escrita, como maneira de desenvolver colateralmente os sentidos e entendimentos de estudantes que tenham a oportunidade de entrar em contato com o resultado desta pesquisa.

Contudo, reconheço que ainda existem pontos a serem desenvolvidos, por isso afirmo que o material apresentado através deste estudo, é apenas o início, servindo de esboço para diversas possibilidades de criação e um maior desenvolvimento do próprio material, assim como também para que novos pesquisadores e profissionais da dança possam se sentir inspirados e capazes de criar e propor seus próprios materiais.

Através da pesquisa, constatei que a história da Cultura Hip-Hop e suas danças é mais tecida do que normalmente aprendemos, existe muito mais luta e arte do que nos é passado dentro de uma sala de aula de dança, e que saber dos detalhes, talvez, faça diferença no momento de se movimentar e entender o contexto do mundo ao qual estamos inseridos.

Para não dizer adeus a este trabalho, pois ainda será revisitado muitas vezes e este é só o encerramento de um ciclo de criação, trago o lema da *Universal Zulu Nation*, como uma maneira de lembrar que por onde esteja o Hip-Hop é: Paz. Amor. União e diversão.

## REFERÊNCIAL BIBLIOGRÁFICO

ABORÍGINE, Markão. **Hip-Hop em Mim**. Samambaia, Distrito Federal: Poesia em Coletivo, 2017. 35 p. v. 1. Disponível em: [https://issuu.com/coletaneaescrita/docs/hip\\_hop\\_em\\_mim\\_vol\\_1](https://issuu.com/coletaneaescrita/docs/hip_hop_em_mim_vol_1). Acesso em: 14 ago. 2021.

BANDEIRA, Denise. **Material Didático: conceito, classificação geral e aspectos da elaboração**. In: BANDEIRA, Denise. **Materiais Didáticos**. Curitiba, PR: IESDE, 2009. cap. 1, p. 13-33. ISBN 978-85-387-0644-1. Disponível em: [https://www.academia.edu/10850993/Materiais\\_did%C3%A1ticos](https://www.academia.edu/10850993/Materiais_did%C3%A1ticos). Acesso em: 8 fev. 2023.

BRASIL. **Orientações curriculares para o ensino médio. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Ano 2006. p. 1-240 Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_01\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf). Acesso em: 08 de fevereiro de 2023.

DAMIANOVIC, Maria Cristina. **Material Didático: Elaboração e Avaliação**. Separata de: MATERIAL Didático: Elaboração e Avaliação. [S. l.]: Cabral, 2007. cap. Material Didático: De um mapa de busca ao tesouro a um artefato de mediação, p. 19-32. ISBN 978-8589550956. Disponível em: [https://www.academia.edu/17007011/Material\\_Did%C3%A1tico\\_De\\_uma\\_Mapas\\_de\\_Busca\\_ao\\_Tesouro\\_a\\_um\\_Artefato\\_de\\_Media%C3%A7%C3%A3o](https://www.academia.edu/17007011/Material_Did%C3%A1tico_De_uma_Mapas_de_Busca_ao_Tesouro_a_um_Artefato_de_Media%C3%A7%C3%A3o). Acesso em: 8 fev. 2023.

**Declaração de Paz do Hip-Hop**. Disponível em: <https://thetempleofhiphop.wordpress.com/hip-hop-declaration-of-peace/> Acesso em: 06 de março de 2023.

DIAS, Cristiane Correia. **A Pedagogia Hip-Hop: Consciência, resistência e saberes em luta**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019. 207 p. ISBN 978-85-473-3237-2.

FERNANDES, Diego Savio da Costa. **Representações do hip hop em livros didáticos**. 2013. 170 f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Guarulhos, 2013.

FERRARO, Juliana Ricarte. **A produção dos livros didáticos: uma reflexão sobre imagem, texto e autoria**. Cadernos do CEOM - Ano 25, n. 34 – Arquivos e tecnologias digitais. Disponível em: <http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/viewFile/973/542>. Acesso em: 08/02/2023 12:59

FONSECA, Gabriel de Lima. **Pedagogia Hip-Hop: a Cultura como ferramenta educacional**. 2021. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [S. l.], 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/234162>. Acesso em: 10 dez. 2022.

KLACEWICZ, Ana Carolina. **Cora decide dançar... : processo de elaboração de material [didático] para composição coreográfica**. Orientador: Luciana Paludo. 2016. 96 p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Licenciatura em Dança) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/159538>. Acesso em: 10 out. 2021.

LOUREIRO, Robson Carlos; LIMA, Luciana de; RIBEIRO, Eric Costa; SANTOSO, Jessica de Oliveira. **A arte da dança de rua no Hip-Hop Freestyle como expressão política de resistência**. Vazantes, [S. l.], p. 156-169, 2 fev. 2019. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/vazantes/article/view/40299/96046>. Acesso em: 12 mar. 2023.

MAGRO, Viviane Melo de Mendonça. **Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e o hip hop**. Cadernos CEDES, Campinas, v. 22, ed. 57, p. 63-75, agosto 2002. DOI 10.1590/S0101-32622002000200005. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/84025>. Acesso em: 10 out. 2021.

MENEZES, J. de A.; COSTA, M. R.; FERREIRA, D. de F. T. **Escola e**

**movimento hip hop: o campo das possibilidades educativas para a juventude.**

ETD - Educação Temática Digital, Campinas, SP, v. 12, p. 83–106, 2010. DOI: 10.20396/etd.v12i0.861. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/861>. Acesso em: 11 out. 2021.

PLEIN, I.T.T. **Avaliação de material didático.** V Seminário Nacional

Interdisciplinar em Experiências Educativas, 2015. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Ivonete-Tremea-Plein/publication/282293764\\_AVALIACAO\\_DE\\_MATERIAL\\_DIDATICO/links/560ae31e08ae840a08d6781f/AVALIACAO-DE-MATERIAL-DIDATICO.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Ivonete-Tremea-Plein/publication/282293764_AVALIACAO_DE_MATERIAL_DIDATICO/links/560ae31e08ae840a08d6781f/AVALIACAO-DE-MATERIAL-DIDATICO.pdf). Acesso em: 28 fev. 2023.

SILVA, Ana Cristina Ribeiro. **Laboratório Hip-Hop: Arte, Educação,**

**Batalha:** Cia Eclipse e Convidadas(os) e suas anDANÇAS. 1. ed. Campinas, SP: LiteraRUA, 2021. 237 p. ISBN 978-65-86113-07-5.

SOUSA, Rayssa Kathleen Ramalho De. **Reflexões sobre os materiais**

**didáticos: qual a relação entre os professores e esses recursos em sala de aula?** Anais II CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/16891>>. Acesso em: 08/02/2023 13:01

SOUZA, Elizeu Clementino de. **Pesquisa narrativa e escrita (auto)biográfica**

**interfaces metodológicas e formativas.** In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Tempos, narrativas e ficções:: a invenção de si. [S. l.: s. n.], 2006. p. 135-147.

## MÍDIAS

**HIP-HOP Evolution.** Direção: Darby Wheeler. Produção: Rodrigo Bascuñán.

Gravação de Banger Films. [S. l.]: Netflix, 2016. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80141782>. Acesso em: 10 out. 2021.

## GLOSSÁRIO

**BEAT** – Marcação rítmica da música.

**BREAK** – Intervalo instrumental na música, popularizado por James Brown, inventado para dançar.

**B-BOY e B-GIRL** – Break boy e Break Girl, são os dançarinos de break. Recebem esse nome pois dançam nos breaks da música.

**BREAK BEAT ou MARY GO ROUND** – Técnica inventada por Clive Campbell (DJ Kool Herc), onde se utilizam dois discos de vinil simultaneamente para tocar sempre a mesma parte da música, o break.

**CREW** – Dentro do Hip-Hop é um grupo ou equipe que se une para desenvolvimento de projetos artísticos e culturais.

**CYPHER** – É um círculo de pessoas que se reúne para assistir e participar de um momento de improvisação das danças do Hip-Hop, uma roda de improvisos sem intuito competitivo, apenas de troca.

**DJ (DISC JOCKEY)** – É o responsável pela música, quem comanda o som nos eventos. Responsável pelas mixagens e scratches.

**FOOTWORK** – Faz parte da estrutura do breaking, são os movimentos realizados no plano baixo utilizando na maior parte o movimento dos pés em alta velocidade.

**FREEZE** – Também faz parte da estrutura do breaking e são os movimentos de parada, normalmente no beat da música. São feitas poses com diferentes tipos de apoio no chão, incluindo a cabeça.

**FUNK** – Estilo de música rítmica e dançante, que inspira a criação da Cultura Hip-Hop.

**GRAFITE** – Um dos primeiros elementos do Hip-Hop, sendo a parte visual da cultura. Normalmente são feitos com tinta e spray em muros pelas cidades.

**HOUSE DANCE** – Estilo de dança social originado a partir da house music, utilizada no Hip-Hop Freestyle. Tem como grande característica movimentos rápidos e leves com os pés, e muita movimentação de quadris e tronco.

**LOCKING** – Estilo de dança social originada a partir da música funk, tem como característica movimentos de trava, onde são feitas movimentações aceleradas e param instantaneamente na batida da música.

**MC (MESTRE DE CERIMÔNIA)** – Também um dos primeiros elementos da Cultura Hip-Hop, o mestre de cerimônia era a princípio o responsável por animar festas, mais tarde acaba se tornando também aqueles que cantam o RAP.

**POPPING** – Estilo de dança social originada do estilo musical funk, suas movimentações são lentas e com a contração dos músculos do corpo, seguindo as batidas da música.

**POWER MOVE** – Também é parte da estrutura do breaking. São as movimentações de força e explosivas, como giros de cabeça e saltos mortais.

**RAP** – A sigla surge do inglês *Rythim and Poetry* que significa ritmo e poesia. É a palavra cantada pelos MCs em cima de uma base instrumental produzida pelo DJ.

**SAMPLE** – Do inglês, a palavra significa amostra. São trechos musicais de diversas músicas, que podem ser reutilizados dentro de novas gravações de maneira remixada, cortada ou direta.

**SCRATCHING** – Técnica inventada por Grand Wizzard Theodore (Theodore Livingston) que consiste em mover o disco de vinil para trás e para frente, criando um efeito sonoro novo.

**SOUND SYSTEMS** – Sistema de som utilizado para tocar música ou fazer a música de uma banda ser ouvida por todos em um grande evento.

**TOASTERS** – São os influenciadores dos MCs do hip-hop. Cantam ou falam sobre um loop instrumental, com ritmo ou batida de um DJ de reggae.

**TOP ROCK** – Primeiro elemento da estrutura do breaking, sendo os movimentos realizados no plano alto, antes do b-boy ou b-girl ir ao chão.